

As hortas urbanas de Madureira a Honório Gurgel: uma primeira Aproximação

Aluno: Vitor Lima da Costa
Orientadora: Luiz Felipe Guanaes Rego

Introdução

O Estado é um dos agentes que contribui fortemente para as alterações do espaço. Seja pela sua ação ou pela sua omissão, é ele agente importante na modificação da paisagem.

A cidade do Rio de Janeiro apresenta uma história não tão recente (e não tão antiga) que nos mostra uma clara diferença entre as formas de ocupação da região central e de seus subúrbios. Enquanto estes eram habitados pela população de mais baixa renda aquela o era pela classe mais abastada. Os subúrbios apresentavam-se como fornecedores de mão de obra e de insumos agrícolas que abasteciam a região central.

A metrópole carioca cresceu e estas relações não são agora tão diretas: grande parte da força de trabalho do Centro e Zona Sul são moradores provenientes das favelas que lá existem; o subúrbio não é mais o grande produtor e fornecedor de gêneros agrícolas.

Para suportar o crescimento urbano a implantação de infra-estrutura de grande porte se fez necessária. O transporte e fornecimento de luz elétrica, por exemplo, implicou na construção de grandes linhas de transmissão que cortam a cidade. Dada a sua periculosidade exigem grandes áreas de interdição, espaço aparentemente ocioso, que é (e sempre será) motivo de conflitos entre o Estado, o cidadão e a iniciativa privada.

Sob estas linhas, e sobre este “espaço ocioso” instalaram-se pequenos produtores familiares de gêneros alimentícios (algumas frutas, verduras e legumes) e de ervas. Provavelmente a antiga vocação de fornecedores de víveres para a metrópole que marcou a história dos subúrbios tenha favorecido a instalação desta atividade lá acompanhada de uma brecha legal que não permitia a construção de casas sob as linhas de transmissão, mas nada afirmava sobre plantações.

A grande representação destes produtores está hoje na zona norte do Rio de Janeiro, no trecho entre os bairros de Madureira e Honório Gurgel em um continuum de cerca de 6.000 metros que atravessa os bairros de Turiaçu e Rocha Miranda, na faixa de terreno que ladeia os trilhos do ramal de trens de Belford Roxo, possui cerca de 100 metros de largura e é conhecida pelos moradores locais como horta ou chácara, para facilitar o entendimento, doravante as chamaremos apenas de hortas.

Existe de uma dinâmica entre as hortas e o seu entorno pela via econômica, porém pelo viés social também se confirma esta dinâmica principalmente pelas crianças que se utilizam das hortas muitas vezes como espaço de diversão, brincadeiras, local infundável de aprendizado lúdico, interação social e contato com a “natureza”.

Esta área inusitada de lazer e aprendizado se dá pela omissão do Poder Público em oferecer aos bairros dos subúrbios equipamentos urbanos adequados e segurança efetiva para que estes possam ser utilizados. Os indicadores culturais da região são precários e se refletem na aquisição de capital cultural dos seus moradores.

Atualmente existe sobre as hortas grande assédio do poder público. Sob a justificativa de desenvolvimento da região, que se refletiria em melhorias gerais para toda a zona norte carioca, pretende-se a construção de um corredor viário que se

iniciaria no bairro de Madureira e faria sua ligação com a via expressa “Via Light”, a construção de ciclovias ligando os bairros de Rocha Miranda, Turiaçu e Madureira e também a construção de parques públicos todos sobre o espaço hoje ocupado pelas hortas.

Ignorando as territorialidades, identidades territoriais e as relações identitárias há décadas ali constituídas e fixadas sobre este espaço social o governo do Estado do Rio de Janeiro pretende impor seu poder coator, sua ordem superior (aqui se torna claro o choque entre a ordem próxima e a ordem distante, contribuição fornecida por Henri Lefebvre) e findar uma trilha histórica ali materializada espacialmente.

Objetivos

Acreditamos ser possível para estes bairros e para as suas hortas a apresentação de uma proposta efetiva de intervenção pelo Estado com a elaboração de diagnósticos que considerem as demandas reais de seus moradores e as características únicas que dão a este lugar o seu “*genius loci*”.

Metodologia

Utilizaremos para a identificação dos objetos integrantes deste sistema complexo o geoprocessamento, que é hoje ferramenta capaz de, integrado ao conhecimento das ações deste sistema, gerar dados essenciais para o conhecimento do espaço geográfico e assim fornecer, futuramente, uma proposta efetiva para a intervenção.

Buscamos nos alinhar com as concepções acerca do espaço geográfico de Milton Santos (entendido enquanto um sistema de ações e de objetos); em David Harvey tentamos entender o conceito de desenvolvimentos geográficos desiguais e suas implicações espaciais; e de Henri Lefebvre buscamos os conceitos de ordem próxima e ordem distante para melhor compreender as ações realizadas pelo Estado sobre o espaço e suas implicações sobre a vida dos que sobre ele vivem.

Conclusões Preliminares

A intervenção do Estado possibilitará a elevação do valor de troca desta mercadoria tão escassa e cara, o solo urbano. Com o aumento relativo do valor de uso pelas melhorias implementadas é possível se obter um maior valor de troca deste produto pelo capital imobiliário sempre ávido por intervenções deste tipo para continuar movimentando seu rochedo de Sísifo no trabalho de obter mais valor do solo urbano.

Desta maneira, devemos nos mostrar capazes de discutir a seletividade da implantação dos projetos públicos e sua real efetividade para o público dito principal.

Referências

- ARJONA, Felipe Bagatoli Silveira A comercialização de espécies etnobotânicas no mercado de Madureira/RJ. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- HARVEY, D. Espaços de Esperança. São Paulo: Loyola, 2004.
- SANTOS, M. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 4ª ed., 2006.